

VOZ ATIVA

### QUEM É VOCÊ PRA DERRAMAR MEU MUGUNZÁ?

Somos a sociedade perdida, sem paternidade definida. Desavisados comedores da sua idéia, cabide de suas roupas, difusores de suas marcas. A pecinha azul no tabuleiro. Já aos vinte e alguns anos não me vejo filha da pátria nem do todo poderoso, sei que tenho mãe e natureza, e isso já deveria bastar. Poderíamos escolher livres, segundo nosso paladar, seguindo nosso próprio olfato, mas vivemos há anos com essa família cósmica que nos empurraram porta adentro. A agradecer ao Pai as batatas no almoço e a pedir carne de porco no jantar. Nossas culpas nos fazem escoteiros. Como somos bons! Estamos sempre alertas! Sem preconceitos e políticos, como só nós. Coloridos e articulados fantoches de bondade. Aonde nos reconhecemos genuínos? O que nos controla a mente depois da oitava cerveja? Para onde vai toda a verdade que não nos chega à boca? Quem é você, que tem no colo minha família e meus amigos, diante de quem não conseguimos ser MAIS nós mesmos? Limpemos nossas mentes empoeiradas, sem medo da mutação que nos é natural. A personalidade só nos aprisiona ao limite de nós mesmos. Sejamos impersonas e seremos mais.

Rejane Saraiva (por e-mail)



INSTANTE

### RIVALIDADE

Percorro a vastidão do raciocínio/ E sinto com perfeita nitidez,/ As duas – a loucura e a lucidez – Lutando pela posse do domínio/ Enfrentam-se as rivais sem timidez,/ Expostas ao perigo do extermínio /Na luta, que prossegue sem declínio/ Quando uma vence, perde noutra vez./ Impressionado, este combate assisto/ Sabendo, enfim/ que a mente humana é um misto/ De aberrações e muitas psicoses/ Onde se agita e vibra a inteligência/ Floresce a planta má da inconsciência/ Escravas, ambas, das metamorfoses.

José Augusto de Campos

Manhã de sábado no bairro dos Bonfins, um casal de pássaros canta ao pé do ipê amarelo da casa 23. Lar da doceira Odete e do sambista Damião. Carteiro por profissão, pois o talento na cuíca não sustentava seus cinco filhos. Mas isso nunca foi motivo de indignação, e sim de reflexão. Naquele 7 de maio, Damião acordou feliz. Na cozinha, os doces de Odete e a caçula. Tomando uma cerveja de café-da-manhã, leu no jornal que Zico jogaria no domingo. Sorriu. Mais duas cervejas e um Paulinho da Viola, que acabara de comprar, foi o tempo exato para a couve aromatizar a varanda. Contento, consciente e em paz.

Alexandre Isomura

É madrugada. Ele caminha solitário pelas ruas geladas da cidade. Na boca, o gosto do litro e meio de vinho que já não esquenta o corpo cansado das madrugadas anteriores. Muitas coisas passam pela cabeça, um sorriso escapa ao lembrar da garota de lábios carnudos e sorriso fácil da noite passada, cujas pernas havia admirado de maneira diferente. Acende um cigarro para que o caminho até o carro pareça menor do que é. Em meio ao som das folhas, que cismavam em acompanhá-lo pelo caminho, surge uma voz fina e rouca pedindo fogo. Ele se aproxima daquele vulto sentado no degrau da loja fechada e se assusta quando vê a moça de vinte e poucos, vestida com uns farapos, tentando esconder a gravidez de pouco tempo. Em uma das mãos, anéis. Na outra, um cachimbo de crack. Espanta-se. Mesmo assim entrega a caixa de fósforos. A moça não fala nada, apenas arranca um pedaço da mesma e retira 3 fósforos. Mãos trêmulas e frias ao devolver a caixa. O silêncio continua. Ela fica ali mesmo, encarando-o, a fim de que vá embora. E ele continua a caminhada, agora pensando na autodestruição. O homem já não se preocupa em viver e sim em morrer. Dia-a-dia. Vidas dentro de outras vidas já não são suficientes para pensar em um futuro, se é que ele existe. Autodestruir-se virou moda.

Sérgio Carneiro (por e-mail)

SENTE-SE

## DIA